



A Invasão Vertical do Barbarismo de Mário Ferreira dos Santos **The Vertical Invasion of Barbarism by Mário Ferreira dos Santos**

Paulo Fernandes Braga

Pós-Graduado em Filosofia pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS/SP), e possui MBA em História da Arte (USCS). Psicólogo e hipnoterapeuta, formado em Psicologia com bolsa integral e iniciação científica voluntária. Professor de Muay Thai 8º Kruang.

RESUMO

A resenha do livro "*Invasão Vertical dos Bárbaros*" aborda questões filosóficas e culturais pertinentes desde o início do século XX. O livro enfatiza a importância de reconhecer e valorizar a complexidade da natureza humana, destacando que o homem é um ser único por sua capacidade de escolher entre o bem e o mal. Além disso, o livro critica as tendências contemporâneas que supervalorizam aspectos puramente materiais, a sensibilidade, a intuição e a força em detrimento da razão, da justiça e do direito. Também aborda sobre o pensamento simplista, o cientismo ingênuo e outras correntes filosóficas que ameaçam a integridade da cultura e da compreensão do ser humano.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia; Cultura; Filosofia Brasileira; Mário Ferreira dos Santos.

ABSTRACT

Review of the book "*Invasão Vertical dos Bárbaros*" addresses philosophical and cultural issues that have been relevant since the beginning of the 20th century. The book emphasises the importance of recognising, valuing and pointing out the complexity of human nature, highlighting that man is a unique being because of his ability to choose between good and evil. The book also criticises contemporary trends that overvalue purely material aspects, sensitivity, intuition and strength to the detriment of reason, justice and law. It also addresses simplistic thinking, naïve scientism and other philosophical currents that threaten the integrity of culture and human understanding.

KEYWORDS

Philosophy; Culture; Brazilian Philosophy; Mário Ferreira dos Santos.



APRESENTANDO O AUTOR

Mário Dias Ferreira dos Santos (1907-1968) foi um filósofo, tradutor, bacharel em direito e escritor brasileiro com uma carreira multifacetada, e com contribuições significativas para a filosofia, a tradução e o pensamento anarquista. Ele é reconhecido por sua obra intitulada "*Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais*", na qual explorou uma ampla variedade de tópicos filosóficos e sociais.

Além de suas contribuições filosóficas, foi um ativo militante anarquista e desempenhou um papel fundamental no Centro de Cultura Social, um dos principais núcleos anarquistas em São Paulo durante a primeira metade do século XX. Sua obra foi lida e recomendada por figuras proeminentes do anarquismo, como Edgard Leuenroth e Jaime Cubero. Além de suas atividades no movimento anarquista, Mário Santos era um tradutor experiente, contribuindo para a disseminação de ideias e obras de autores estrangeiros (RAMUS, 2008).

No geral, Mário Dias Ferreira dos Santos foi uma figura intelectual e socialmente engajada, cujo trabalho abrangeu diversas áreas, desde a filosofia até a tradução e o ativismo, deixando uma marca duradoura no panorama cultural e filosófico brasileiro.

APRESENTANDO O LIVRO

O livro "*Invasão Vertical dos Bárbaros*" de Mário Ferreira dos Santos é um manifesto que aborda a preocupação que o autor descreve como uma invasão vertical de bárbaros na sociedade através da cultura, especialmente sobre o retorno a antigos erros.

A obra busca conscientizar os leitores sobre a urgência da situação, sem esconder a profundidade do problema que a humanidade enfrenta sob a superficialidade que ameaça a cultura contemporânea. O texto serve também como um norteamento para a perspectiva e objetivos da obra ferreira-santosiana. No livro, são examinados diversos exemplos empíricos e históricos que ilustram essa



invasão, incluindo a exaltação da força em detrimento do direito e da justiça, o romantismo exagerado, a banalização do corpo e a degradação do saber e da ciência.

A narrativa de Mário Ferreira dos Santos (2012) se concentra na separação destrutiva entre razão e cultura, destacando a urgência de enfrentar esse desafio para a humanidade. Portanto, "*Invasão Vertical dos Bárbaros*" é uma obra que busca provocar a reflexão sobre a cultura contemporânea e sua relação com valores culturais, morais e intelectuais, alertando sobre a importância de valorizar elementos fundamentais para a sociedade. O texto é dividido em duas partes: a primeira trata da invasão da afetividade e da sensibilidade, enquanto a segunda aborda a invasão da vida intelectual. O filósofo expõe sua concepção empírica do que constitui a invasão vertical da barbárie em ambos os contextos. Além disso, ele discorre sobre o tecnicismo excessivo, a exclusão intelectual do outro, o negativismo derrotista, a desvalorização da inteligência, a ignorância ruidosa em relação à ciência e o materialismo que permeia a sociedade, desde o atomismo rústico até o materialismo do consumo.

Nesta obra, Mário Ferreira dos Santos (2012) demonstra uma preocupação com o bem-estar humano, a cultura e a moral. Ele se concentra na condição humana e critica o que percebe como uma invasão cultural prejudicial. Sua abordagem parece refletir uma apreciação pelos valores e preocupações humanas. Ao denunciar a invasão cultural e a superficialidade, ele parece adotar uma visão realista da sociedade contemporânea. Neste texto, Ferreira discute questões concretas e desafios enfrentados pela humanidade em relação à cultura.

De outra forma, o autor não se apresenta como um pensador cético, niilista, romântico ou pessimista. As preocupações da obra de ferreira-santosiana parecem se concentrar mais em questões culturais e morais, e Mário não adota uma visão niilista que nega todos os valores.



PREFÁCIO

No prefácio, o autor introduz o conceito de "invasão vertical dos bárbaros", ressaltando que essa expressão não foi de sua autoria, mas sim do político alemão Rathenau no século passado. Mário Ferreira argumenta que a interpretação que ele deseja atribuir a esse conceito é ligeiramente diferente da intenção original de Rathenau e, para compreender suas intenções, propõe uma análise dos conceitos de invasão, vertical e bárbaro (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p.13).

O escritor de Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais explora o termo bárbaro, que inicialmente se referia a todos os estrangeiros, mas posteriormente passou a significar o que não é civilizado, o que é inculto e se opõe à cultura. O autor destaca a evolução desse termo, discutindo como gregos e romanos o utilizavam para descrever aqueles que falavam línguas diferentes ou não estavam sob a jurisdição romana.

Ferreira dos Santos também aborda as invasões horizontais de bárbaros, ou seja, invasões que ocorreram gradualmente, muitas vezes com o apoio interno dos civilizados que adotaram costumes bárbaros. Ele destaca que a invasão descrita no texto não se trata apenas da penetração geográfica (horizontal) dos bárbaros, mas também de uma invasão vertical, que ocorre por meio da cultura, minando os fundamentos culturais e preparando o terreno para a corrupção.

O pensador brasileiro (2012) denuncia essa invasão, que se desenvolveu ao longo de quase quatro séculos e agora representa uma ameaça insustentável. Ele opta por uma linguagem acessível, evitando terminologia técnica em prol da compreensão dos leitores.

O autor reconhece que os eventos e processos mencionados não abrangem todas as ocorrências, mas se concentram nas mais relevantes, permitindo que os leitores reflitam sobre o aspecto bárbaro que está em foco.



O filósofo paulista ainda destaca a presença de elementos corruptores que existem em todos os ciclos culturais e que atuam desde o início, buscando destruir a forma do ciclo. Além disso, ressalta que esses elementos corruptores são habilmente guiados por uma inteligência maliciosa, e atualmente, possuem meios mais eficazes do que nunca para atingir seus objetivos.

Ferreira dos Santos (2012) argumenta que a manutenção dos ciclos culturais é possível por meio do equilíbrio entre as disposições corruptivas e geradoras, evitando a corrupção final. Ele enfatiza que a busca pela perpetuação da cultura não é um desejo vão, pois os ideais supremos da humanidade, como justiça, moderação, igualdade, liberdade e amor entre os seres humanos, são fundamentais para a evolução da sociedade.

O autor conclui afirmando que é fundamental lutar pela manutenção do ciclo cultural, fortalecendo os aspectos positivos e denunciando as ameaças. A denúncia é vista como o primeiro passo para cumprir o dever de proteger a cultura e evitar o retrocesso. Portanto, a obra tem como objetivo conscientizar sobre as ameaças à cultura e incentivar a ação para sua manutenção.

NA SENSIBILIDADE E NA AFETIVIDADE

A presença vertical do bárbaro na sociedade culta manifesta-se também por luta e toma os aspectos mais variados e, também, os mais amplos, conforme aponta Ferreira dos Santos (2012). Uma dessas é a proposta de animalidade horizontal.

Não é mais possível questionar seriamente a animalidade do ser humano ou sua capacidade de possuir uma mente que o diferencia especificamente de outros animais terrestres. O homem é um animal que não apenas é capaz de avaliar valores (uma capacidade que também é compartilhada por outros animais), mas de compreender valores em sua essência, incluindo valores potenciais e aqueles que podem ser criados. Além disso, o homem é capaz de criar conceitos e desenvolver uma ciência especulativa baseada nesses conceitos. Quando essa ciência é



devidamente organizada, ela pode desvendar as leis que regem todas as áreas da existência e que são aplicáveis em todas as esferas da realidade.

SÃO ALGUNS MODOS DE VALORIZAR ESSA ANIMALIDADE

A - O texto aborda a ênfase dada à valorização da força física como um elemento central na sociedade contemporânea. Ele enfatiza que, mesmo que essa força seja apenas de natureza bruta, a sociedade a exalta e enaltece aqueles que a possuem, sem levar em consideração outras habilidades ou capacidades mentais. Aqueles que conseguem bater recordes, dobrar barras de ferro ou demonstrar grande resistência física são vistos como exemplos máximos da natureza humana.

A ênfase na força física em detrimento do intelecto, isto é, independentemente de outras virtudes, influencia os jovens a idealizarem e seguirem modelos superficiais e incompletos.

O texto sugere que essa valorização da força bruta como um ideal pode ter implicações significativas na cultura e na formação de valores, especialmente entre os jovens.

B - Supervalorização da força – O homem de músculos de aço já não é um exemplar curioso, é o herói popular, algo que representa um *idealtypus* das multidões bárbaras.

C - O texto aborda a valorização intensa da agilidade e das habilidades físicas como uma forma elevada de apreciação dos valores humanos, identificando isso como parte da "barbárie vertical". Embora reconheça que a sociedade civilizada também pode adquirir e valorizar essas habilidades, enfatiza que, como cultura, não deve elevar esses atributos ao status mais elevado da experiência humana. Em vez disso, o texto argumenta que é crucial reconhecer a importância tanto do corpo quanto da mente.

Um dos aspectos mais críticos apontados no texto é a valorização exagerada do corpo em detrimento da mente, um elemento central da "barbárie vertical". O



texto critica a ideia de que a saúde do corpo é mais relevante do que a saúde mental, destacando que a sanidade mental é essencial para a humanidade. Embora existam indivíduos cultos que cuidam de suas mentes e se dedicam ao pensamento elevado, a obra sugere que a ênfase recai predominantemente nas habilidades físicas, obscurecendo outros aspectos culturais.

O livro argumenta que a ocultação desses aspectos culturais é parte de uma estratégia na "invasão vertical da barbárie". Em resumo, o texto enfatiza a necessidade de equilibrar a valorização do corpo e da mente, questionando a tendência de priorizar a força física em detrimento da saúde mental e do pensamento elevado.

VALORIZAÇÃO DO VISUAL SOBRE O AUDITIVO

O texto explora a prevalência do sentido visual sobre o auditivo na sociedade, fundamentado em princípios psicológicos. Ele argumenta que a formação dos conceitos mentais se baseia nos elementos sensoriais, incluindo o tato, a visão e a audição, seguindo uma ordem de importância crescente, com a audição acima da visão e do tato.

O filósofo nascido no Tietê destaca que é mais simples ver e contemplar do que ouvir com atenção. No entanto, o que é ouvido com atenção é memorizado de forma mais eficaz, e o pensamento auditivo é mais lógico e confiável do que imagens visuais dispersas na mente. O livro ressalta que a invasão vertical da barbárie promove a supervalorização do aspecto visual, refletida em espetáculos e mídia que priorizam o público visual.

Além disso, o texto observa que em épocas como a atual, a tendência é que a valorização do visual sobreponha a audição, ameaçando até a leitura, uma forma mais auditiva de absorção de informações, uma vez que as palavras são destinadas a serem ouvidas, não vistas. Em resumo, o texto discute as mudanças culturais em



direção à excessiva valorização do aspecto visual em detrimento do auditivo, destacando suas implicações.

SUPER VALORIZAÇÃO DA FORÇA SOBRE O DIREITO

O texto aborda o conceito de "barbarismo vertical," que enfoca a ideia de que a força prevalece sobre o direito. Nesse contexto, o direito deixa de ser uma representação justa das relações humanas, baseado em princípios de justiça e na noção de dar a cada um o que lhe é devido. Em vez disso, é argumentado que o direito é visto como uma criação arbitrária do poder político, sem base ética sólida.

A justiça deixa de ser valorizada e passa a ser alvo de desconfiança, dúvida e, por fim, negação. A lei é percebida como uma mera expressão da vontade do legislador, não mais refletindo o direito adequado ou a justiça. O texto enfatiza que, nesse cenário, o direito se afasta da ética e se torna exclusivamente uma questão política.

A força é exaltada como superior ao direito, representando uma inversão dos princípios tradicionais. Expressões como "o direito da força supera a força do direito" e proclamações autoritárias, como "Eu sou a lei," diz César em seu Império. Resumidamente, o texto destaca a prevalência da força sobre o direito e a justiça como uma característica do "barbarismo vertical."

VALORIZAÇÃO DA ANIMALIDADE

Há uma tendência no barbarismo de desmerecer a inteligência humana, de reduzir o humano ao animalesco, desconsiderando que o homem é o único animal capaz de construir valores, criar conceitos, ordenar especulações e produzir ciência. A inteligência é colocada, assim, em descrédito. Conforme Ferreira dos Santos "não é mais possível pôr seriamente sobre a mesa de discussão, dúvidas quanto à animalidade do homem, nem que é ele possuidor de uma mente que o torna especificamente distinto de todos os outros animais terrestres" (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p. 20). Apesar dessa evidência, há sempre uma tentativa de



desmerecer a inteligência em seus aspectos mais elevados. A invasão vertical bárbara neste setor manifesta-se de diversas maneiras.

FORÇA COMO GARANTIA DE VALOR

Os fortes são respeitados e tomados como valor mais admirável. Homens e mulheres admiram homens maus, poderosos e corruptos, desprezando aqueles que precisam de força. Há outros que clamam pela volta do colonialismo, pelo tribalismo, pela submissão desmedida ao mais forte, mesmo que este seja claramente um tirano. O forte ou o violento é visto como o único capaz de ordenar e é, portanto, apenas este que as atenções e as valorações se dirigem.

Estimula-se a acentuada valorização dos homens que se revelam possuidores de grande força, mesmo que seja apenas da força bruta em conjunto a uma grande franqueza moral. Compara-se com orgulho a semelhança dessa força, conforme Ferreira dos Santos, “alegando-se a grandeza do homem que a possui. Não importa que seja um débil mental, mas se é capaz de bater recordes, e de dobrar uma barra de ferro, ou de dar um murro igual ao coice de uma mula, estamos, então, em face de um espécime humano de alta valia” (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p. 22).

SUPERVALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA MECÂNICA

O texto discute a relação entre memória, inteligência e cibernética. Enfatiza que a memória, embora essencial para a construção de esquemas mentais mais avançados, por si só não indica superioridade intelectual. Aponta que indivíduos com memória excepcional podem não ser intelectualmente avançados. Destaca a importância da memória eidética, ligada às ideias.

Ferreira dos Santos (2012) critica a supervalorização da memória mecânica e o entusiasmo exagerado pela cibernética. Reconhece o potencial da cibernética em auxiliar a ciência e superar deficiências na memória mecânica, mas ressalta que não substituirá a memória eidética, a capacidade de gerar ideias e a dialética. O



autor adverte contra a ideia de máquinas substituírem completamente o pensamento humano, apontando para o risco de um "barbarismo intelectual" se a inteligência humana for suprimida em favor das máquinas.

O texto também menciona a noção de um "cérebro cibernético" para liderar a humanidade, que o autor considera uma ideia tola e uma exaltação da materialidade em detrimento da inteligência. Em resumo, é enfatizada a importância da memória eidética e da inteligência humana, ao mesmo tempo que critica a visão de que as máquinas possam substituir inteiramente a capacidade de pensamento humano.

O bárbaro é o que sabe sem saber o porquê do que sabe; o civilizado, o que sabe, sabendo o porquê do que sabe. Só há ciência quando se sabe os porquês próximos e remotos de uma coisa, de suas causas, de suas razões. Saber-se que naquele campo há árvores colocadas de tal modo, é apenas um saber bárbaro, mas saber por que foram elas plantadas, obedecendo a tal ordem, é um saber culto.

DEGENERAÇÃO RELIGIOSA

No contexto do barbarismo, ocorre uma apologética de religiões superiores que muitas vezes falha em atender às massas. À medida que as igrejas tradicionais perdem fiéis, surgem novos locais de crenças, frequentemente com títulos pomposos de religiões superiores. Em muitas cidades brasileiras, temos visitado esses "templos" e é surpreendente a ignorância de muitos falsos pastores que se autoproclamam "guias espirituais" para multidões. Seus discursos consistem em oratória de baixa qualidade, intercalada com citações bíblicas.

Seria preferível que esses "guias espirituais" demonstrassem mais humildade e se esforçassem para estudar e aprimorar suas habilidades, a fim de não se tornarem veículos de incultura e barbarismo em vez de promotores de uma religiosidade saudável. Sua principal responsabilidade deveria ser elevar seus seguidores para alcançarem níveis mais elevados, em vez de ceder a impulsos



primitivos e adotar práticas irracionais que, em alguns casos, desafiam a dignidade humana.

O autor enfatiza que, não basta fazerem-se citações bíblicas para despertar as almas e elevar os corações, se essas citações estão entremeadas de ideias falsas e de preconceitos primários, que produzem efeitos contrários aos desejados, chegando, como em alguns casos em nosso país, à prática de atos hediondos, de torturas, de sacrifícios pessoais, de mutilações graves, e de ações simplesmente criminosas.

VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA MECÂNICA

A memória é uma faculdade compartilhada tanto pelo homem quanto pelos animais, com raízes no reino animal inferior, mas cuja direção aponta para o reino superior. Embora seja crucial para a construção de esquemas mentais mais elevados, a memória por si só não revela nenhuma superioridade intrínseca. É notável a existência de indivíduos com memória prodigiosa entre aqueles considerados mentalmente fracos.

Ferreira dos Santos (2012, p. 32) ilustra essa dinâmica com um exemplo peculiar: um analfabeto que, mesmo incapaz de ler, memorizou Os Lusíadas de Camões. Ao pagar a alguém para ler os cânticos para ele, conseguiu memorizá-los. Apesar de pronunciar mal algumas palavras, conseguia recitar os versos quando solicitado. Este caso evidencia como a memória mecânica é frequentemente valorizada, mesmo quando não reflete uma verdadeira compreensão ou apreciação da obra.

O livro critica a abordagem reducionista que associa a memória apenas ao intelecto inferior. A memória eidética, mais profunda e qualitativa, muitas vezes é negligenciada em favor de testes que exigem conhecimento mecânico, como a memorização de datas ou fatos triviais. Nos exames de ciências humanas ou filosofia, é mais comum pedir aos estudantes que lembrem o número de publicação



de um livro do que que compreendam as ideias profundas nele contidas. Essa abordagem superficial nos exames não captura o verdadeiro potencial intelectual dos estudantes. A memória verdadeiramente culta transcende a mecânica; é a memória das ideias, qualitativa e enriquecedora. Assim, os cérebros de potencial elevado são negligenciados nas culturas bárbaras (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p.108).

A ACENTUAÇÃO DA REPETIÇÃO À CUSTA DA CRIAÇÃO

O texto destaca que a repetição é uma característica das sociedades primitivas, que são dominadas pela persistência de suas formas, modos de vida e técnica. No entanto, enfatiza que o excesso de repetição pode impedir o desenvolvimento cultural, pois a verdadeira cultura é caracterizada por sua capacidade criativa dentro de um esquema sistemático.

A cultura em constante criação progride naturalmente, mas quando para de criar e se petrifica, abre-se espaço para a invasão do "barbarismo vertical". Este é caracterizado por um aumento na repetição, incluindo música com ritmos constantemente repetidos, repetição de situações, e imitação excessiva de abstrações. O imitador substitui o criador, levando ao estancamento cultural.

O texto destaca que a repetição primitiva e a imitação constante de valores primários substituem o criador até que tudo estagne. A acentuação do abstratismo leva ao estancamento, como exemplificado por vários movimentos artísticos modernos que enfatizam excessivamente certos aspectos, até cair em formas de abstração que são cansativas e falsas. A busca excessiva por inovação, frequentemente influenciada pelo especialismo, leva a esforços mal direcionados e à morte das melhores virtudes criativas.

Em vez de inovação exagerada, o texto defende a criação e a ascensão a estágios mais elevados, destacando a importância de se criar algo verdadeiramente



novo e superior em vez de reformular aspectos decadentes e antiquados, que podem parecer renovadores, mas são apenas versões distorcidas de fórmulas superadas.

O FENÔMENO DO EXTREMISMO

O extremismo é um fenômeno complexo e multifacetado que tem sido objeto de reflexão por vários filósofos e pensadores modernos, incluindo Mário Ferreira dos Santos, e seus sintomas são variados e prejudiciais à sociedade.

O extremismo muitas vezes está associado ao fanatismo e à intolerância. O fanatismo surge quando alguém mantém crenças extremas de maneira inflexível, sem espaço para diálogo ou compreensão das perspectivas dos outros. Isso pode levar à intolerância em relação a grupos ou ideias diferentes. Além disso, o extremismo político e cultural contribui para a fragmentação da sociedade. Isso cria desconfiança, hostilidade e dificulta o funcionamento eficaz da democracia. São os bárbaros que vivem de um extremo ao outro, de oito a oitenta. Os civilizados vivem entre os extremos sem nunca os atingir, segundo o autor, no grau médio como os pitagóricos. O extremismo se opõe à promoção de uma educação ética e cívica para construir sociedades mais coesas e inclusivas.

Em suma, o extremismo é um desafio amplo que afeta a coesão social e a estabilidade política. As reflexões filosóficas e sociológicas sobre esse problema enfatizam a importância do diálogo, da educação ética e do entendimento das complexas causas subjacentes.

A INFLUÊNCIA DO NEGATIVO

O texto ressalta que a negatividade é uma característica inerente aos seres inteligentes, pois têm a capacidade de discordar e assumir posições opostas. A negatividade, por si só, não é prejudicial, a menos que seja direcionada contra aquilo que é verdadeiramente positivo e construtivo.



Nos períodos de declínio cultural, a negatividade cresce significativamente em relação aos valores fundamentais. Isso resulta em uma inversão de valores, onde o que antes era respeitado e admirado é negado. Essa tendência não afeta apenas os princípios religiosos, mas também os costumes, levando à desintegração das relações humanas e à fragmentação social.

A promoção do negativismo ocorre através de diversos meios, frequentemente por parte de indivíduos com conhecimento limitado ou subliteratos. Essa promoção questiona valores, ética e responsabilidade, muitas vezes oferecendo conselhos precipitados em questões complexas, prejudicando a sociedade.

O texto enfatiza que não defende a censura, mas destaca a responsabilidade dos meios de comunicação e dos escritores na divulgação de informações éticas e moralmente sólidas. Além disso, critica ideias precipitadas e teorias vazias que foram propagadas por intelectuais mal preparados, observando que essas teorias estão em declínio devido aos avanços científicos. É argumentado ainda que as doutrinas antigas, como o pitagorismo, o platonismo, o aristotelismo e outras, resistiram ao teste do tempo, enquanto muitas teorias modernas falharam.

O BARBARISMO E A INTELECTUALIDADE

O texto explora o conceito de pseudomorfoses na Cristalografia, que se refere a formas de cristais que adotam a aparência de outras configurações devido à influência de gases ou substâncias que escapam por aberturas na rocha. Essas formações são chamadas de pseudomorfoses, pois não correspondem à forma natural que o cristal teria em seu desenvolvimento normal.

O autor estabelece uma analogia com a sociedade humana, argumentando que existem manifestações que aparentam ser cultas e civilizadas, mas que, na realidade, têm origens bárbaras em suas causas efetivas, causas materiais e causas finais. Essas manifestações podem ter uma aparência culta, mas são



pseudomorfoses, ou seja, não representam verdadeiras realizações decorrentes de uma origem culta. O texto sugere que muitos aspectos da sociedade se encaixam nessa categoria de pseudomorfoses, especialmente aquelas relacionadas à parte intelectual e ao entendimento.

ENTRE FILOSOFIA PRÁTICA E FILOSOFIA ESPECULATIVA

O texto aborda a distinção crucial entre a filosofia especulativa e a filosofia prática. Enfatiza que essa distinção é frequentemente negligenciada, levando a confusões e equívocos em interpretações filosóficas. A filosofia especulativa concentra-se na busca da verdade e na eliminação da falsidade, enquanto a filosofia prática visa ao que é certo e à prevenção do erro, visando ao que é conveniente.

O autor destaca que o que é certo especulativamente pode não ser tão rigorosamente aplicável na prática. Para ilustrar, menciona o exemplo dos ângulos internos de um triângulo em geometria, que são precisamente definidos especulativamente, mas na prática, como no caso do triângulo entre uma estrela, o Sol e a Terra, podem não se alinhar de maneira perfeita. O texto também relaciona essa diferença com a aplicação da matemática, onde a precisão especulativa não é necessariamente alcançada na prática.

Conclui-se que a filosofia prática está diretamente ligada à vida prática humana, lidando com situações contingentes e eventos que ocorrem de maneira contingente. Enquanto a filosofia especulativa se concentra em conceitos, ideias e esquemas eternos e imutáveis, caracterizada por sua precisão absoluta. O autor enfatiza que ignorar essa distinção é uma falha fundamental na compreensão da filosofia e que muitos, mesmo aqueles que têm conhecimento filosófico, podem cometer erros ao não reconhecer essa distinção.

EXPLORAÇÃO VICIOSA DO ESPORTE

Ferreira dos Santos (2012) aponta que o capitalismo se desinteressa pelo *axiós* (em gr. valor das coisas, que se refere ao que é intrinsecamente constituído;



o valor de uso é um *axiós*) para acentuar o timós (em grego: valor de estimação, pois estimar tem o mesmo radical de *timós*), valor de troca. As coisas são sobretudo avaliadas pelo seu preço, pelo que custam em troca para obtê-las, e não é de admirar que o gosto requintado do capitalista se dirija mais pelo que é mais precioso (de mais preço), do que propriamente para o que é de mais valor. É natural que essa mentalidade, dominando o ambiente social, já que o capitalismo sistematiza a sociedade, segundo a sua maneira de conceber o mundo, não só o esporte, mas a arte e a literatura teriam de sofrer como sofre dos preconceitos monetários.

O texto aborda a degradação dos esportes, no qual a busca pelo lucro muitas vezes leva a combinações e maquinações secretas, minando o verdadeiro espírito esportivo. O amadorismo está em declínio, e o público se interessa principalmente pelos esportes comercializados. O filósofo questiona como evitar que os atletas se tornem egoístas, tratados como objetos de comércio, e apela para o patriotismo ou outros valores quando o esporte é explorado comercialmente. Enquanto alguns esportistas mantêm seu orgulho e protestam contra essa situação, suas vozes muitas vezes são abafadas pela multidão de indivíduos ligados aos negócios do esporte que valorizam mais a mentira do que a verdade.

A DESVALORIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA

O texto destaca que algumas abordagens modernas desprezam a verdadeira inteligência ao reduzi-la a aspectos materiais ou corporais, como a fisiologia, comportamento dos sentidos ou abordagens mecânicas. O autor argumenta que essas visões degradam a inteligência e carecem de fundamento filosófico consistente, muitas vezes sustentadas por pseudo filósofos e cientistas com pouca habilidade filosófica.

A discussão envolve críticas à filosofia moderna, que frequentemente se baseia em argumentos e assertivas sem fundamentos apodícticos, ou seja, sem a garantia de verdade lógica e ontológica. O texto ressalta a importância da



demonstração apodítica na filosofia e sugere que muitas das filosofias carecem desse rigor.

Além disso, o autor menciona a resistência de muitos cientistas em relação à filosofia devido à má reputação ou ao ataque à ciência feita de forma crítica por algumas obras filosóficas. A crítica à inteligência e à qualidade do pensamento filosófico é destacada como um elemento da barbárie intelectual que persiste na sociedade.

O texto também menciona o romantismo como um movimento que, embora tenha elementos elevados, também continha manifestações bárbaras, contribuindo para a atual crise filosófica. A valorização da intuição é citada como um dos aspectos do romantismo que não resolveu aporias filosóficas e, em vez disso, aumentou a complexidade das questões sem oferecer soluções plausíveis.

DESVALORIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA E DA VONTADE

Além disso, se discute a desvalorização da inteligência, mencionando que a dúvida indevida quanto a seu valor tem levado intelectuais modernos a buscar formas mecanizadas e cibernéticas de conhecimento, prejudicando o desenvolvimento da capacidade intelectual do ser humano. Também destaca que esse processo de barbarização da inteligência está ocorrendo devido ao estímulo e à cumplicidade daqueles que deveriam proteger e lutar pelo bom conhecimento. O pensador expressa preocupação com o impacto negativo dessa tendência na sociedade.

Ferreira dos Santos (2012) discute a desvalorização da vontade e a diferença entre filosofia especulativa e ciência prática. A filosofia especulativa busca a verdade e afasta a falsidade, usando o intelecto como sua principal faculdade. Por outro lado, na vida prática, a vontade do homem desempenha um papel central, orientando-o para o bem, o que é benéfico e conveniente, e afastando



o que é errado. A vontade é descrita como uma *oréxis* do bem, um impulso que busca o bem, mas é intelectualizada, diferenciando-se do mero apetite animal.

Ferreira dos Santos critica a confusão entre vontade e desejo, argumentando que a vontade envolve uma deliberação intelectual e não é um impulso cego. Ele também aponta que essa confusão é um erro grave e bárbaro, pois não reconhece a capacidade da vontade, assistida pelo intelecto, de fazer escolhas entre futuros contingentes. Além disso, o autor critica psicólogos e filósofos que tentam reduzir a vontade a um impulso puramente animal, argumentando que isso contribui para a barbarização da psicologia e da compreensão do ser humano como um ser racional.

BARBARIZAÇÃO DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA

O autor discute a "Barbarização da Ciência e da Técnica" como uma consequência do desligamento dos cientistas da filosofia perene. Ele argumenta que ao afastar-se da filosofia, os cientistas podem se tornar monstros que veem o mundo apenas através da lente de suas especialidades, sem compreender a universalidade ou os princípios fundamentais que a filosofia pode oferecer. Isso pode resultar em um mundo onde especialistas desligados entre si e desconhecendo os princípios de suas próprias especialidades se tornam servos de líderes bárbaros, causando um terrível impacto sobre a sociedade. Ferreira dos Santos (2012) alerta que esse mundo está se aproximando rapidamente, e pouco foi feito para humanizar esses cientistas e conectá-los com a sabedoria prática que envolve o conhecimento dos primeiros princípios. Essa tendência representa uma ameaça significativa para a sociedade no curto prazo, em questão de décadas, não séculos.

O filósofo paulista aborda a desvalorização do estudo dos primeiros princípios, a prevalência do ceticismo e do pessimismo nas escolas e a influência dessas perspectivas nos professores. Ele argumenta que muitos educadores afirmam que nada se pode saber sobre os primeiros princípios, mas critica essa afirmação como infundada, uma vez que eles mesmos reconhecem que não têm



conhecimento sobre o assunto. Ainda sugere que esses professores carecem de conhecimento e habilidades filosóficas e que não estudaram as obras mestras que trataram dos primeiros princípios. Ele aponta a falta de conhecimento de lógica formal, material, demonstrativa, dialética, matemática, ontologia, crítica e outros tópicos filosóficos como uma limitação significativa desses educadores. Além disso, ele argumenta que esses professores não estão dispostos a debater com aqueles que poderiam expor sua ignorância, preferindo recorrer a piadas ou desculpas para evitar o confronto. Também aponta que esses educadores estão minando o potencial dos jovens cientistas e técnicos, impedindo que adquiram um conhecimento sólido e uma linguagem mais ampla que lhes permitiria entender colegas de outras áreas, enfraquecendo assim a capacidade de comunicação e colaboração entre cientistas e técnicos.

A LUTA CONTRA A UNIVERSALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Ferreira dos Santos argumenta sobre os cesariocratas de nossa época (bárbaros sem dúvida), senhores do *kratos* político, são suficientemente astuciosos (astúcia é da inteligência animal também), para saberem que os cientistas e técnicos são os próximos candidatos ao *kratos* político, e não os servidores (proletariado), pois estes nunca na história se apossaram de tal *kratos*, nem têm possibilidades de fazê-lo, pelo menos enquanto proletários, apesar de Karl Marx ter “previsto” essa possibilidade.

O autor destaca a estratégia dos "cesariocratas" (aqueles que desejam o domínio autoritário) de manter cientistas e técnicos divididos e focados em suas especialidades, impedindo qualquer forma de comunicação universal de conhecimento que possa ameaçar o status quo. Ele argumenta que os especialistas, ao se comunicarem e compreenderem os princípios universais, representam um perigo para o domínio autoritário, pois questionarão e contestarão as inconsistências do poder vigente. O autor conclui enfatizando que a valorização



excessiva da especialização é a arma eficaz usada pelos cesariocratas para manter o controle e a divisão entre os profissionais.

SILÊNCIO SOBRE OS QUE SABEM PENSAR

O autor enfatiza o fenômeno histórico da "conspiração do silêncio", que envolveu os grandes criadores, pensadores e artistas ao longo da história. Ele observa que, frequentemente, aqueles que ocupavam posições de poder e autoridade faziam esforços para silenciar ou menosprezar os criadores e pensadores que poderiam ofuscar seus pontos cegos. Isso aconteceu com figuras como Dante, Camões, Cervantes e vários filósofos notáveis.

Em muitos casos, esses grandes talentos só foram reconhecidos e valorizados após suas mortes, e alguns ainda aguardam esse reconhecimento séculos depois.

O filósofo também menciona a dificuldade de reconhecer os grandes valores contemporâneos e como a intriga e o despeito, presentes tanto em medíocres quanto em gênios, contribuem para essa "conspiração do silêncio". Em última análise, o autor argumenta que essa conspiração é um reflexo de atitudes bárbaras, marcadas pela incapacidade de reconhecer o verdadeiro valor e avaliar justamente tanto o valor dos contemporâneos quanto os outros, e esse valor está presente na ausência, no reconhecimento da falta, tal como se vê nos homens da tarde (FERREIRA DOS SANTOS, 2019, p.8). É preciso abrir-se para o novo, para os contemporâneos e saber garimpar, reconhecer e declarar os méritos dos novos artistas, intelectuais e cientistas de nosso tempo.

O FETICHISMO DO MAIS PELO MENOS

O texto discute o conceito de fetichismo no pensamento moderno e destaca vários exemplos em que ocorrem retornos a uma esquemática infantil e fetichista. O autor compara essas tendências com comportamentos observados em crianças, como dar nomes às coisas (nominalismo infantil) e adotar crenças simplistas, como



a ideia de que a matéria bruta pode ser a fonte de todas as perfeições (fetichismo materialista).

O texto também critica visões simplistas da realidade, como a crença de que apenas o que os sentidos podem captar é real e a ideia de que a verdade é uma quimera. Essas visões são descritas como fetichismo, pois extrapolam os limites de suas premissas e envolvem inversões da ordem lógica e regular.

Em suma, o autor argumenta que o fetichismo, caracterizado por visões simplistas e infantis da realidade, está presente no pensamento moderno em várias formas e critica a tendência de abstrair, separar e simplificar em vez de buscar a unidade, a conexão e a concretização na busca do conhecimento.

O PROBLEMA ÉTICO

O texto aborda questões éticas, destacando que a ética culta e civilizada se baseia na prudência, que é um hábito reiterado do saber, na moderação, justiça e coragem. Essas virtudes cooperam entre si para produzir os melhores resultados. Por outro lado, o bárbaro não possui essas virtudes, sendo arrastado pelos excessos da coragem, prudência, justiça e moderação. O autor apela para um exame de consciência e observa que a temeridade e a audácia bárbaras refletem fraqueza de vontade e inteligência. Ele cita Nietzsche, enfatizando a importância do perdão e afirma que a ética do bárbaro é baseada na vingança, na norma do castigo e na falta de amor. O autor adverte que a ética do bárbaro ameaça a sociedade e invade todos os aspectos da vida.

A LIMITAÇÃO E A LUTA CONTRA A CRIATIVIDADE

O autor destaca a luta contra o criador como uma característica preocupante de sua época, ou seja, a luta contra a criação. Ele descreve como a ênfase está na falsa criação, onde os elementos naturais são exagerados de forma abstrata, como na arte contemporânea, na qual a composição, construção e aspectos geométricos são superestimados em detrimento da verdadeira criatividade e liberdade. Isso leva



a uma arte monstruosa que frustra a verdadeira criação e projeção de mais valores, deixando os artistas insatisfeitos e desencorajados. O medo de criar inibiu os autodidatas, que são senhores de sua criação, aqueles que desfrutam da liberdade necessária para a captação dos símbolos que lhes são contemporâneos (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p.113-115).

O filósofo compara essa atitude ao que aconteceria hoje se um aluno procurasse um mestre de música. Enquanto Mozart, no passado, encorajou Beethoven a improvisar e criar, o mestre moderno simplesmente pediria que o aluno tocasse um estudo de Chopin, enfatizando a repetição em vez da criação. Ele argumenta que a verdadeira missão de um mestre culto deveria ser corrigir, ensinar, apoiar e estimular a criatividade, não a frustrar e criar obstáculos à criação, promovendo a incapacidade. Essa atitude, segundo o autor, é uma manifestação do barbarismo.

Entre os bárbaros, os inovadores são olhados como criminosos, são castigados e expulsos até da tribo. Quem propõe um pensamento novo, estranho ao aceito pela tribo, ao longo das gerações, é um perigoso inovador, um perturbador, um corruptor, porque a coerência da tribo está ameaçada. Mas a cultura é uma conquista constante de estágios cada vez mais altos. O que se deseja é erguer o homem aos degraus mais elevados e não o fazer estacionar em patamares.

Ao longo dos últimos dois séculos, a aversão à criação e a ênfase na repetição tornaram-se proeminentes. Isso resultou em um cenário onde os autodidatas frequentemente criaram mais do que aqueles com uma educação formal rígida. Pesquisas mostraram que a humanidade deve mais aos autodidatas do que aos indivíduos altamente educados. A falta de um "mestre" supervisionando constantemente, alertando contra a temeridade da criação, permitiu que os autodidatas fossem mais ousados em experimentar, tentar, errar e, ocasionalmente, acertar.



Hoje, a esterilidade cultural é notável, e a multiplicação muitas vezes se traduz em repetição, como é evidenciado em certos pintores modernos. Isso reflete a esterilidade inerente ao barbarismo, que é o oposto da criação. A capacidade de criar está diminuindo a cada dia que passa, exceto para as exceções, muitas das quais são autodidatas. Alguns argumentam que a cultura esgotou suas possibilidades, mas o autor discorda. Ele acredita que há muitos mananciais não explorados e promessas não realizadas na cultura e que é essencial procurar novos horizontes no campo da filosofia e da ciência, apesar da resistência que enfrentam. Essa é uma questão de grande importância que também é explorada em obras do filósofo, nas quais ele se opõe à visão pessimista de pensadores como Spengler (1964) e Toynbee, que consideram a cultura atual estéril e sem esperanças (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p.116).

PRECONCEITOS PREJUDICIAIS

Do mesmo modo que o moderno não pode ser aceito apenas porque é moderno, também não pode ser desprezado pelo simples fato de ser moderno. Aqueles aferrados ao antigo, que repelem tudo quanto é moderno, incriminando o de falso, cometem o mesmo erro que aqueles que julgam que tudo que é moderno é uma superação do antigo. É evidente que ambas posições pecam por extremos.

No texto, o autor destaca o comportamento de muitos intelectuais, que tendem a se alinhar ora com o passado, rejeitando o presente moderno, ora com o presente, rejeitando o passado mais remoto. No entanto, o autor argumenta que o patrimônio cultural da humanidade pertence a todos e não deve ser apropriado de acordo com preferências temporais. Ele enfatiza a importância de apreciar o que tem valor independentemente do tempo e superar o preconceito temporal.

Do mesmo modo que o moderno não pode ser aceito apenas porque é moderno, também não pode ser desprezado pelo simples fato de ser moderno. Aqueles aferrados ao antigo, que repelem tudo quanto é moderno, incriminando-o de falso, cometem o mesmo erro que aqueles que julgam que tudo que é moderno é uma superação do antigo. É evidente que ambas posições pecam por extremos. Contudo, é também



evidente que a maioria dos intelectuais se comporta assim, filiando-se ora a um lado, ora a outro. Os excessivamente *moderni* apenas aceitam do passado o passado próximo, ou então, o mais recuado possível, porque opondo-se ao passado que renegam, buscam o passado já renegado pelos que são objeto de seu combate. Por sua vez, os *antiqui* rejeitam o presente moderno, valorizando o passado que aceitam, e negando o mais remoto que suas ideias repelem. Todos afinal esquecem o mais importante: a humanidade é herdeira de si mesma e o patrimônio cultural da humanidade não é propriedade de ninguém, mas de todos (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p.128).

O pensador paulista critica a tendência de atribuir valor a ideias e realizações apenas porque são novas, mesmo que sejam falhas ou equivocadas. Ele defende a luta contra erros, independentemente de serem antigos ou modernos, com o objetivo de manter e valorizar o que realmente merece ser exaltado na cultura.

A mensagem central é a importância de julgar as contribuições culturais com base em seu mérito intrínseco e não em preconceitos temporais, e também de combater a idolatria de falsos ídolos intelectuais que não contribuem positivamente para a sociedade.

DESTERRAR DE VEZ OS ERROS DO CIENTISMO INGÊNUO

No texto, Ferreira dos Santos (2012) destaca a necessidade de superar uma série de erros e preconceitos no campo científico, filosófico e cultural. Ele menciona a importância de rejeitar o cientismo ingênuo, o sensualismo ingênuo, o empirismo vulgar, o criticismo desenfreado, o positivismo vicioso, o ficcionalismo, o niilismo pessimista e o paganismo negro dos sacrifícios.

O autor enfatiza a importância de retornar aos grandes trabalhos do passado, rever o que precisa ser revisto e afastar preconceitos que levam à renúncia de uma herança cultural que pertence à humanidade como um todo, independentemente de fronteiras, classes ou interesses criados. Ele argumenta que a verdadeira ciência é ecumênica e universal, vencendo preconceitos e fronteiras, e que um verdadeiro sábio é um libertário que busca a grandeza e a exaltação do ser humano.



Mário Ferreira dos Santos conclui afirmando que um verdadeiro sábio é um afirmador da verdade e promove o bem do homem através da busca da verdade, que é o verdadeiro bem.

PROLETÁRIO: TEMA DE URGÊNCIA

O texto discute a condição dos proletários, historicamente explorados por astutos exploradores. O proletário, cuja única renda é o resultado de seu trabalho, muitas vezes se encontra em uma situação precária, com necessidades urgentes, especialmente relacionadas a alimentação e vestuário.

Dada a natureza imediata de suas necessidades, esses trabalhadores enfrentam problemas que requerem soluções urgentes. Eles não podem esperar, pois seus estômagos pedem comida e seus corpos precisam de roupas. Além disso, como todos os seres humanos, eles têm o desejo de se destacar de alguma forma perante seus pares, seja por simpatia, força, habilidade ou riqueza.

Quando não conseguem se destacar por esses meios, muitos buscam obter poder político como uma maneira de se destacar. São indivíduos famintos por prestígio, muitas vezes complexados por uma sensação de inferioridade e desejam obter cargos que os façam sentir-se importantes, mesmo que não o sejam. A busca por poder e prestígio é um tema recorrente na história e na sociedade, e o texto ressalta a dinâmica complexa que envolve as aspirações humanas.

Por fim, o texto enfatiza que o proletariado só conseguiu elevar-se quando, por meio de seu próprio trabalho e cooperação com seus companheiros, criou riqueza por si mesmo, demonstrando que a verdadeira ascensão só pode ocorrer através de esforços coletivos e autoafirmação.

ESPECULAÇÃO NA BAIXA

No século passado, o filósofo Friederich Nietzsche antecipou o advento do niilismo, a deterioração de tudo o que a cultura havia criado de mais grandioso. A



nova escala de valores que emergia representava a inversão de tudo o que era verdadeiramente nobre, em contraste com os valores vulgares e o homem das profundezas, cuja voz soava como um murmúrio nos pântanos. O niilismo avançava rapidamente, e os niilistas, mesmo sem perceber, estavam engajados na destruição não apenas do que era falso e errôneo, mas principalmente do que ainda preservava sua dignidade e elevação. Nietzsche não era um saudosista nem propunha retrocessos considerados tolos. Ele ansiava por progresso, pela superação do próprio ser humano. Ele desejava que o que havia sido alcançado até então fosse visto como uma promessa de conquistas maiores. O que estava por vir era o super-homem, não como uma nova espécie, mas como a grandiosa possibilidade ainda não realizada, a máxima conquista que tínhamos buscar em nós mesmos, algo que apenas poucos exemplares humanos, em aspectos limitados, haviam alcançado (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p. 146).

Nietzsche também fez denúncias que permanecem atuais. Os acontecimentos do século XX avançaram a uma velocidade vertiginosa, e as profecias de Nietzsche começaram a se concretizar imediatamente. Suas denúncias eram verdadeiras e encontraram respaldo na realidade, com os fatos testemunhando em seu favor.

No entanto, o super-homem não emergiu. Em vez disso, testemunhamos a ascensão de homens cruéis que acreditavam que a humanidade poderia ser superada pela brutalidade, não pelo amor; pelas paixões desenfreadas, não pela purificação da razão; pela vontade desenfreada e concupiscente, não pela liberdade justa; pelo ódio incitado, não pelo amor. O que presenciamos foi um verdadeiro pesadelo de crueldade (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p. 147).

No entanto, a nobreza emergiu de todas as camadas da sociedade ao longo das épocas e ciclos culturais. Não permaneceu nas camadas mais baixas, mas exaltou o que de mais grandioso o ser humano possui: sua razão, sua vontade e seu amor.



As grandezas humanas também existem nas planícies e não apenas nas montanhas. No entanto, é necessário ter pernas fortes para alcançá-las, bem como uma vontade determinada e benevolente. Hoje, esse tipo de pessoa não é uma impossibilidade. Ela surge e pode se multiplicar. No entanto, como alcançar esse tipo de indivíduo quando tudo parece conspirar para impedir sua chegada?

O que é verdadeiramente surpreendente é a constante falha das boas intenções. Tudo o que é projetado para promover o que há de melhor encontra obstáculos significativos e está sempre à beira do fracasso. Parece que a erva daninha é a única que prospera. Tudo parece conspirar para que ela se multiplique e prevaleça.

Os grandes atos humanos e gestos notáveis já não recebem a atenção que merecem. Eles não interessam, não se propagam, nem recebem os elogios devidos. Pelo contrário, o que ganha destaque nas notícias é tudo o que há de pior nas ações humanas, e essa atenção aumenta na medida em que as ações são mais ignóbeis e indignas. Embora tenhamos mencionado muitos exemplos disso, não é necessário repeti-los. Este é o resultado de uma especulação desordenada, em que, acima de tudo, o foco recai sobre o que tem menos valor, mas que choca mais o homem comum. Não é surpreendente, portanto, que a visão do mundo muitas vezes nos pareça horrível.

No entanto, é importante destacar que essa visão não é completa. Aqueles que agem de maneira inadequada são sempre uma minoria em comparação com aqueles que fazem o bem. Os atos de apoio mútuo e amor superam em número as ações de exploração. O respeito aos direitos prevalece sobre as violações, e as pessoas cumprem seus deveres em maior número do que se pode pensar.

OS NEGATIVISTAS E OS CICLOS CULTURAIS

Mário Ferreira dos Santos também discute o tema dos ciclos culturais, o que reflete uma perspectiva crítica sobre a dinâmica cultural e os desafios



enfrentados por esses ciclos ao longo da história. O autor destaca a interligação entre religião e filosofia positiva como alicerces fundamentais para a formação desses ciclos, exemplificando com civilizações antigas teologicamente fundamentadas (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p. 132).

Há uma crítica a essas construções culturais, sustentadas por uma cosmovisão particular que molda a identidade e o destino de uma sociedade. Essa universalidade não é total, pois sempre existem dissidentes que questionam, argumentam e propõem alternativas, representando uma ameaça à integridade dessas concepções do mundo. Ferreira dos Santos aponta para a presença constante de opositores ao ciclo cultural, destacando que, apesar das mudanças de época, as estratégias e argumentos utilizados por esses dissidentes permanecem notavelmente consistentes.

Emprega-se uma crítica em relação aos métodos utilizados por esses opositores, que, segundo o autor, atuam para alterar a cosmovisão da sociedade em questão em várias modalidades políticas.

A negatividade é própria de todo ser inteligente que é, por isso, apto a dizer não, a tomar a posição contrária a outra. Em si, a negatividade não é um mal, salvo quando se refere à recusa ao que é realmente positivo e construtivo, quando apoia a negação do que tem valor pela ausência do mesmo valor. Ora, o que se observa nos períodos de decadência dos ciclos culturais é o aumento desmedido da negatividade em relação aos principais valores. Tende-se a negar tudo quanto de superior o ciclo admirou e realizou (p. 50). Ferreira dos Santos continua e afirma que, “não é de admirar que períodos decadentistas e de alheamento aos princípios morais sejam os períodos em que os homens mais se afastam uns dos outros, e que a atomização social aumenta a ponto de não haver mais possibilidade de compreensão entre dois seres humanos” (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p.50).

Algumas das estratégias empregadas pelos negativistas incluem desvalorizar a experiência sensível como deformadora da realidade, desacreditar



as crenças religiosas e, por fim, contestar a validade do pensamento e da pragmática, bem como a perda do vínculo entre conteúdo e símbolos. Como diz Ferreira dos Santos (1954), "E todo ciclo cultural não perece quando seus símbolos perderam todo contato com o conteúdo, quando eles não falam mais senão de si mesmos?"

Todo ciclo cultural, como o foi o hindu, o egípcio, o chinês, o greco-romano, o muçulmano e o cristão, para exemplificar, funda-se numa religião, que oferece uma concepção religiosa do mundo e funda-se também numa filosofia positiva, que parte da afirmação do ser. Essa concepção do mundo dá a forma cultural ao ciclo, impregna-o da sua significação e lhe traça um destino. Universalmente aceito, seguido, apoiado, defendido e propagado, contudo, não é de universalidade total, pois há sempre os que, opondo-se a ele, terçam razões, argumentos, oferecem novos esquemas, propõe dúvidas, mobilizam oposições (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p.132).

Em *Invasão Vertical dos Bárbaros*, o autor não apresenta uma ordem dos ciclos, embora demonstre, implicitamente, essa ordem cíclica, provavelmente inspirado na ideia de *eterno retorno* de Nietzsche e em Empédocles (por volta de 435 a.C.) que apresentou reflexões sobre a criação do mundo propondo um ciclo eterno impulsionado por duas forças opostas em movimento, uma atrativa e unificadora e outra repelente e separadora (FERREIRA DOS SANTOS, 1954). No filósofo Empédocles encontram-se as noções de unidade e agregação. Reflete-se que, se antes do vir a ser do cosmo os elementos estavam em movimento desordenado, então eles encontravam-se desagregados; todavia, não é razoável fazer desencadear o vir a ser a partir do nada, isto é, de uma situação original de desagregação. Em outras palavras, não teria sido possível construir seu céu constituindo-o a partir de elementos desagregados, para depois agregá-los. Dado suas premissas, é razoável conceber que o seu vir a ser partiu necessariamente da unidade e da agregação (SANTOS, 2019), ou nos termos ferreira-santosianos: partiu do “*alguma coisa há*”.

Eles constantemente se esforçam para substituir um ao outro e cuja interação implica em um equilíbrio do mundo, ideia melhor trabalhada por Ferreira dos Santos em sua concepção de ciclos culturais fundamentados na tese “*alguma*



coisa há” – seu ponto arquimediano. Todos os processos no universo, incluindo os destinos humanos, resultam da sua luta interminável e mutável. Empédocles chamou a força unificadora de “amor” e a força divisora de “disputa”; pode-se, a partir daí assumir em termos da filosofia concreta que as duas forças em oposição são: às filosofias positivas vs. as filosofias negativas (FERREIRA DOS SANTOS, 2012, p.133).

Ora, para Nietzsche, há sempre um mundo que nasce e um mundo que morre, um mundo que ascende e um mundo que decai. Esses dois processos têm intensidades gradativas. Nos períodos de cultura, de criação juvenil, o processo ascensional é intensivamente forte, e o que morre perece em silêncio e sem saudades, com os olhos voltados para o amanhã; mas esse amanhã é quase sempre uma decepção e essa amargura marca profundamente a vida (FERREIRA DOS SANTOS, 1954, p.109).

Seguindo o direcionamento dessas posições sobre os ciclos culturais, em Ferreira dos Santos (2012), às filosofias negativas podem ser incluídas em três engrenagens: *redução* (reducionismos), *descrença* e *negação*, sendo a quarta a *afirmação*, a qual é uma atitude positiva.

1º) A afirmação é a atitude positiva e epistemologicamente inclusiva.

2º) A redução é um movimento epistemológico presente em todas as culturas, são os tipos de reducionismo que organizam objetos, fenômenos, teorias e significados complexos de forma reduzidas, ou seja, expressos em unidades diferentes, a fim de explicá-los em suas partes constituintes mais simples, reduzindo a afirmação de suas verdades. Tem relação com o que o autor denomina como fetichismo e a negação de certos determinantes epistemológicos.

3º) A negação é a consideração implícita ou explícita, literal ou analógica do nada.

4º) A descrença manifesta-se nas várias formas de agnosticismo epistemológico.



Também ocorre que as filosofias negativas possuem alguns elementos positivos, pois a negação implica em afirmação e essas quatro engrenagens de cada ciclo podem ser dispostas ao lado de um ouroboros.

Conforme as considerações de Ferreira dos Santos (2012) sobre os ciclos culturais, em uma cultura há a descoberta de um dado elemento como determinante de uma realidade que, em seguida torna-se central no pensamento e produção cultural de uma época e povo (*afirmação*), pouco a pouco, absorvendo as demais variáveis e indicadores a ele relacionado, assim reduzindo tudo a este elemento (*redução*). Em sequência, tal reducionismo provoca uma contração direcionada ao oposto e negando tal onipresença de tal elemento (*negação*), finalmente o conflito entre ambos, afirmação e negação, produz um tipo de ceticismo, uma espécie de agnosticismo (*descrença*).

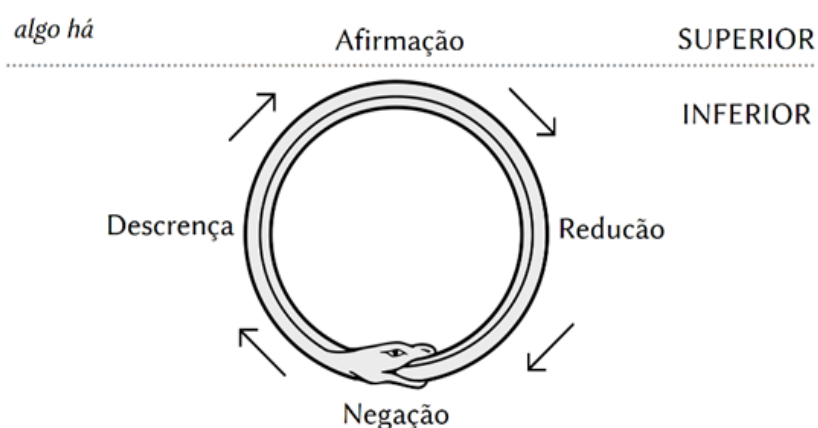


Figura 1: As quatro engrenagens dos ciclos culturais. Fonte: Autor.

AS SOLUÇÕES RUDIMENTARES

Mário Ferreira dos Santos (2019) discute a proliferação de ideias sociais rudimentares em nossa época, que iludem os seres humanos. Ele ressalta que os resultados não corresponderam às expectativas e que as pessoas que ainda têm



esperança de encontrar soluções eficazes nas promessas muitas vezes não conseguem distinguir entre o quimérico e o realizável.

O autor enfatiza a necessidade de uma revisão cuidadosa das ideias para evitar erros e realizar o melhor para a sociedade. Argumenta-se que, embora o mundo precise de reformas, é essencial não trocar o que é ruim por algo pior. Portanto, é crucial examinar as ideias sociais, identificando o que nelas é bárbaro e o que é culto, ou seja, o que elas genuinamente oferecem.

O filósofo paulista destaca a importância de combater a infantilização das ideias e adotar uma abordagem mais madura e intelectual. Compreender o homem adulto como se fosse uma criança envelhecida é inadequado. Em vez disso, ele insta as pessoas a aceitarem sua maturidade intelectual e a basear suas observações, experiências e realizações nesse estágio de desenvolvimento. Há também uma manipulação da linguagem e da retórica na política e na mídia. O uso da linguagem pode criar ilusões de promessas vazias e que é fundamental analisar criticamente o que é dito para discernir com sensatez. A busca incessante pelo excitante pode obscurecer questões mais profundas e complexas que afetam outros grupos que, normalmente, não percebemos e não nos dispomos para com eles de forma empática. Portanto, é de suma importância a reflexão e o pensamento crítico na esfera pública. A falta de pensamento crítico pode levar a soluções simplistas que não abordam adequadamente questões sociais complexas.

O texto também aponta que, um verdadeiro amigo não é aquele que pede seu voto, mas aquele que o compreende realmente e o ajuda a melhorar sua vida, aumentar seu salário de maneira real e eficaz. A verdadeira amizade se baseia na cooperação e na busca por soluções práticas para os desafios da vida.

Por fim, o filósofo enfatiza a necessidade de evitar reversões infantis e promover a maturidade intelectual como base para o progresso humano. Ele ressalta que as vitórias, em vez das derrotas, devem alimentar a humanidade, pois são o verdadeiro alimento do espírito. Portanto, o texto enfoca a importância de



uma abordagem mais madura e sensata na avaliação e implementação de ideias sociais.

O DISCURSO FINAL

O filósofo inicia o texto reconhecendo que não é realista esperar que todos os leitores concordem plenamente com as ideias e denúncias apresentadas em sua obra. Ele relata que, após a escrita do livro, pediu a várias pessoas de diferentes posições filosóficas e ideológicas para lerem e apresentarem críticas. As críticas abrangiam desde aspectos fundamentais até detalhes secundários.

No texto, o autor menciona as objeções que foram feitas, como a valorização do aspecto animal na natureza humana. Argumenta que essa valorização seria uma reação aos excessos do Cristianismo, que se acusa de ter desvalorizado o corpo e os prazeres terrenos. O pensador paulista admite que há fundamento nessas objeções, pois os seres humanos desejam tanto viver plenamente suas vidas terrenas quanto aspiram a uma vida ideal e superior.

Ferreira dos Santos menciona que os seres humanos desejam tanto suas limitações quanto a busca pela perfeição, pois anseiam pela felicidade suprema e não se contentam com suas limitações, desejando ser simultaneamente homens e deuses.

O homem ao longo da história tem oscilado entre valorizar excessivamente o aspecto espiritual em detrimento do material e vice-versa. Essas oscilações levaram a debates filosóficos sobre onde está a verdadeira realidade: nas ideias ou nas coisas. Alguns argumentam que somente as ideias que representam experiências sensoriais reais têm valor, enquanto outras são consideradas meras construções mentais. No entanto, a posição sensata reconhece que algumas ideias têm um fundamento real mais sólido do que outras, e que também podemos criar ideias fictícias ou absurdas sem conteúdo real. Essa visão está sendo desafiada por muitas interpretações que buscam conciliar a multiplicidade de escolas filosóficas,



como correntes empiristas, materialistas, positivistas e nominalistas, assim como no campo das ideias políticas e sociais.

O homem sempre achou estranho quando se excede na parte espiritual e nas coisas materiais e vice-versa. Então, desejou dar à sua mente os meios de expressar apenas o que ultrapassa a materialidade e de desligar um conteúdo real das suas ideias. Ao contrário, quando valoriza exageradamente a parte terrestre, vai negar o conteúdo real às suas ideias. Surgem como consequência duas posições: a realidade estaria nas ideias e não nas coisas, ou a realidade estaria nas coisas e não nas ideias. Entre esses dois extremos disputou-se ao longo dos séculos na Filosofia. Essa disputa, que já havia encontrado uma solução genuína dentro da filosofia escolástica, termina hoje por encontrar novamente aqueles que buscam abrir o abismo entre as duas posições, criando, assim, a situação seguinte: só têm valor as nossas ideias quando elas representam as coisas da nossa experiência sensível, enquanto as outras são meras construções mentais, meros entes de razão, e alguns chegam até a dizer sem nenhum conteúdo real, meros nada.

A supervalorização da força, da agilidade e do corpo em detrimento da mente, a ênfase no visual sobre o auditivo, a valorização excessiva da intuição e da sensibilidade em detrimento da razão, a tendência de dar à força a hegemonia sobre o direito e a propaganda desenfreada de elementos que denigrem o homem são todos resultados de uma compreensão inadequada da verdadeira natureza do ser humano. O homem é único por sua capacidade de escolher entre o bem e o mal. O verdadeiro sentido do homem reside em manter um equilíbrio.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA DOS SANTOS, Mário. Invasão Vertical dos Bárbaros. 1a ed. São Paulo: É Realizações, 2012.

FERREIRA DOS SANTOS, Mário. Homens da Tarde. 1a ed. São Paulo: É Realizações, 2019.

FERREIRA DOS SANTOS, Mário. O Homem que Nasceu Póstumo. 1a ed. São Paulo: Editora Logos, 1954.

RAMUS, Gustavo. Anarquismo Cristão E Sua Influência No Brasil. Verve: Revista de Filosofia, n. 13, p.169-183, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5203>

SANTOS, Evaniel Brás dos. A Cosmologia E Cosmografia De Anaximandro No In De Caelo De Tomás De Aquino. Kriterion: Revista de Filosofia, v. 60, n. 142, p. 43–63, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/dHdNT7WvF7FwDGmbPZmDvYf/#>.

SPENGLER, Oswald. A Decadência do Ocidente: Esboço de uma Morfologia da História Universal. São Paulo: Editora Zahar, 1964.